



Provável efeito do progresso das ideias espíritas sobre a marcha social do futuro

——
ANNA BLACKWELL
A FIEL TRADUTORA DE ALLAN KARDEC
——

PARIS

Librairie De La Revue Spirite

7, rué de lille

Imprimerie D. Bardin, A Saint-Germain

1877



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS
www.autoresespiritasclassicos.com

Data da publicação: 08 de julho de 2017

TRADUTOR: Abílio Ferreira Filho

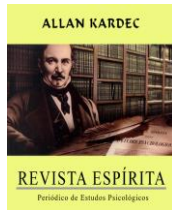
REVISÃO: Irmãos W.

PREFÁCIO: Jorge Hessen

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil



O Espiritismo por toda parte Extrato dos Jornais Ingleses

Um dos nossos correspondentes de Londres nos transmite a seguinte notícia:

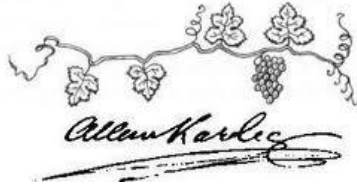
“O jornal inglês *The Builder* (O Construtor), órgão dos arquitetos, muito estimado por seu caráter prático e retidão de seus julgamentos, tratou casualmente, várias vezes seguidas, de questões relativas ao Espiritismo. Nesses artigos ele cuida das manifestações da atualidade, fazendo o autor uma apreciação do seu ponto de vista.

“O Espiritismo também foi abordado em algumas das últimas notícias da *Revista Antropológica* de Londres; aí se declara que *o fato da intervenção ostensiva dos Espíritos, em certos fenômenos, está muito bem provado para ser posto em dúvida*. Aí se fala do invólucro corporal do homem como de uma grosseira vestimenta apropriada ao seu estado atual, que se considera como o mais baixo escalão do reino hominal; esse reino, embora o coroamento da animalidade do planeta, não passa de um esboço do corpo glorioso, leve, purificado e luminoso que a alma deve revestir no futuro, à medida que a raça humana se desenvolve e se aperfeiçoa.

“Ainda não é, acrescenta o nosso correspondente, a doutrina homogênea e coerente da escola espírita francesa, mas dela se aproxima muito, e me pareceu interessante como indício do movimento das ideias no *sentido espírita* deste lado do estreito. Mas lhes falta direção; flutua-se à aventura nesse mundo novo que se abre perante a Humanidade, e não é de admirar que nele a gente se perca por falta de um guia. Não é de duvidar que, se as obras da Doutrina fossem traduzidas para o inglês, congregariam numerosos partidários, fixando as ideias ainda incertas.”

Anna Blackwell

Allan Kardec - Revista Espírita - Março de 1869



PLANO DE CAMPANHA – A ERA NOVA – CONSIDERAÇÕES SOBRE O SONAMBULISMO ESPONTÂNEO

(Paris, 10 de fevereiro de 1867 – Médiun: Sr. T..., em sono espontâneo)

"Os progressos do Espiritismo causam aos seus inimigos um pavor que não podem dissimular. No começo brincaram com as mesas girantes, sem pensar que acariciavam uma criança que devia crescer; a criança cresceu... então eles pressentiram o seu futuro e disseram de si para si que em breve estariam com a razão... Mas, como se diz, a criança tinha sete fôlegos. Resistiu a todos os ataques, aos anátemas, às perseguições, mesmo às zombarias. Semelhante a certos grãos que o vento carrega, produziu inúmeros rebentos; para um que destruía, brotavam cem outros."

Primeiro empregaram contra ele as armas de uma outra era, as que outrora eram bem-sucedidas contra as idéias novas, porque essas idéias não passavam de lampejos esparsos, que tinham dificuldade de vir à luz através da ignorância e porque ainda não haviam criado raízes nas massas... hoje é outra coisa, tudo mudou: os costumes, as idéias, o caráter, as crenças; a Humanidade não mais se inquieta com as ameaças que amedrontavam as crianças; o diabo, tão temido por nossos ancestrais, já não causa medo: riem dele.

Sim, as armas antigas se gastaram contra a couraça do progresso. É como se, em nossos dias, um exército quisesse atacar uma praça forte, guarnecida de canhões, com as flechas, os aríetes e as catapultas dos nossos antepassados.

Os inimigos do Espiritismo viram, pela experiência, a inutilidade das armas carcomidas do passado contra a idéia regeneradora; longe de o prejudicar, seus esforços só serviam para o propagar.

Revista Espírita de agosto de 1867

ÍNDICE

Biografia de Anna Blackwell (Descrição de Allan Kardec)	06
Prefácio (Jorge Hessen).....	10
Opinião dos Editores	11
Ensaio	12



Anna Blackwell

A Fiel Tradutora de Allan Kardec

(1816 - 1900)

Ela foi jornalista, professora, escritora e poetisa, e uma tradutora profissional, pois se contam em muitas dezenas suas traduções, ao inglês, de vários autores e em diferentes áreas. Filha de Samuel e Hanna Blackwell, teve oito irmãos. Nenhuma das cinco irmãs se casou.

Seu pai trabalhou em refinarias de açúcar. A família mudou-se da Inglaterra para Nova York em 1832, depois Jersey, Cincinnati em 1838, depois Kentucky, Carolina e Filadélfia.

Anna Blackwell é uma pessoa muito importante na história do Espiritismo, pois além de ser amiga pessoal do casal Allan Kardec, participou de reuniões na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE) e foi quem primeiro traduziu as obras da Codificação Espírita ao inglês.

Apesar de ter havido referência da tradução ao inglês de O Livro dos Espíritos, em 1861 (Revista Espírita, fevereiro de 1861), foi Anna Blackwell quem primeiro o traduziu, logo em seguida O Livro dos Médiuns, e há referência de que em 1877 tinha começado a tradução de O Céu e o Inferno.

No “Prefácio” de The Spirits Book (O Livro dos Espíritos), em 1876, ela transmitiu muitas informações históricas valiosas sobre Allan Kardec, desde sua infância: notas biográficas e familiares (também de Amélie-Gabrielle Boudet); descrição física e psicológica do Codificador; desenvolvimento do Espiritismo na primeira hora.

Ela foi correspondente espírita de Allan Kardec em Londres, Inglaterra, conforme constatamos na Revista Espírita, março de 1869, “O Espiritismo por toda parte”.

Anna Blackwell publicou uma obra em 1875 sobre o Espiritismo chamada de “The probable effect of spiritualism upon the social, moral, and religious condition of society”. (01)



A descrição de Allan Kardec por Anna Blackwell

Poucos são os registros acerca das características físicas de Allan Kardec. Raras as fotos. Mais conhecidas as que o mostram no vigor dos seus anos juvenis e a outra, na madureza, já então em sua fase espírita.

Chamado de "o bom senso encarnado", quais suas características psicológicas?

A Anna Blackwell responsável pela tradução das obras de Allan Kardec para a língua inglesa, teve oportunidade de assim deixar registradas suas impressões a respeito do Codificador.

Pessoalmente Allan Kardec era de estatura média. Compleição forte, com uma cabeça grande, redonda, maciça, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhando a um alemão do que a um francês.

Enérgico e perseverante, mas de temperamento calmo, cauteloso e não imaginoso até a frieza, incrédulo por natureza e por educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação.

Era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo... Grave, lento no falar, modesto nas maneiras, embora não lhe faltasse certa calma dignidade, resultante da seriedade e da segurança mental, que eram traços distintos de seu caráter.

Nem provocava nem evitava a discussão, mas nunca fazia voluntariamente observações sobre o assunto a que havia devotado toda a sua vida, recebia com afabilidade os inúmeros visitantes de toda a parte do mundo que vinham conversar com ele a respeito dos pontos de vista nos quais o reconheciam um expoente, respondendo às perguntas e objeções, explanando as dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava com liberdade e animação, de rosto ocasionalmente iluminado por um sorriso genial e agradável, conquanto tal fosse a sua habitual seriedade de conduta que nunca se lhe ouvia uma gargalhada. Entre milhares de pessoas por quem era visitado, estavam inúmeras pessoas de alta posição social, literária, artística e científica.

O Imperador Napoleão III, cujo interesse pelos fenômenos espíritos não era mistério

para ninguém, procurou-o várias vezes e teve longas palestras com ele Palácio das Tuileries, sobre a doutrina de O Livro dos Espíritos.

Fundou a Sociedade de Estudos Psicológicos que se reunia semanalmente em sua casa, para obter comunicações através da psicografia. Também criou a Revista Espírita (Revue Spirite), jornal mensal que ainda existe e que ele editou até 1869.

Pouco antes traçou um plano de uma organização para continuar o seu trabalho. “A Sociedade para a Continuação dos trabalhos de Allan Kardec”, com poder para compra e venda, recebimento de dadas e legados e para continuar a publicação da Revista Espírita.

Depois de sua morte os planos foram fielmente prosseguidos.

Kardec achava que os vocábulos "espiritual" e "espiritualista", como "espiritualismo" já possuíam uma significação definida. Assim os substituiu por "espiritismo" e "espírita" ou "espiritista".

A filosofia espírita se distingue por sua crença em nosso progresso espiritual, que é realizado através de uma série de reencarnações.

Devendo o Espírito passar por várias encarnações, resulta que todos nós temos tido várias existências e teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, na Terra ou em outros mundos.

A encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana. Seria erro pensar que a alma ou Espírito possa reencarnar no corpo de um animal.

As várias existências corporais do Espírito são sempre progressivas e nunca retrógradas; mas a velocidade de progresso depende dos nossos esforços por atingirmos à perfeição.

As qualidades da alma são as do Espírito em nós encarnado; assim, o homem de bem é encarnação de um bom Espírito, como o perverso a de um impuro.

Tinha a alma a sua individualidade antes da encarnação e a conserva depois de separar-se do corpo.

Voltando ao mundo dos Espíritos, a alma aí reencontra aqueles que conheceu na Terra e todas as suas anteriores existências se avivam em sua memória, com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que haja feito.

Encarnado, o Espírito se acha sob a influência da matéria; o homem que supera essa influência pela elevação e pela depuração de sua alma aproxima-se dos bons Espíritos, com os quais estará um dia. Aquele que se deixa empolgar pelas paixões inferiores e

põe todas as alegrias na satisfação dos apetites grosseiros aproxima-se dos Espíritos impuros e dá preponderância à natureza animal. (02)

Fontes:

(01) Revista O Reformador - Março de 2008

(02) Conan Doyle - História do Espiritismo

Prefácio

Não encontramos em abundância maiores referências biográficas sobre a personagem de Anna Blackwell, autora e publicista britânica para o Espiritismo. Blackwell tornou-se uma seguidora do Espiritualismo na década de 1860, cujas crenças conformavam-se com suas próprias experiências.

Em 1869 ela apresentou provas à Comissão da Sociedade Dialética de Londres e contribuiu com um documento datado de julho de 1870 e publicado em seu relatório sobre o neo-espiritualismo (Londres, 1871).

Blackwell teve algumas experiências dos fenômenos psíquicos (metapsíquico), e havia visto imagens espirituais surgirem em fotografias obtidas por seu equipamento fotográfico.

Na década de 1870 Anna deparou-se com a literatura kardeciana e iniciou o processo de tradução para a língua Inglesa; avultando-se como uma admirável expoente dos preceitos espíritas.

Em 1876, na apresentação da tradução de O Livro dos Espíritos, Blackwell transmitiu muitos subsídios históricos sobre Kardec além de notas biográficas e familiares e muito mais.

São Paulo, 08 de julho de 2017

Jorge Hessen

Opinião dos Editores

O ensaio que oferecemos aos nossos leitores acaba de obter, em unanimidade, a medalha de ouro, em um concurso pela Associação britânica de Espiritualistas.

Apresentando este ensaio, em algumas páginas, as maiores verdades, sob uma nova forma, original e erudita, temos a convicção de que nossos leitores nos saberão ser gratos por tê-lo reproduzido em francês, imitando assim nossos irmãos espíritas de vários outros países que o traduziram em sua respectiva língua.

Ensaio

Nossas “instituições sociais” são a expressão de nossas “crenças”. Essa proposição é de uma verdade tão evidente, que nossos leitores nos aprovarão sem dúvida por tomá-la como ponto de partida, e de proceder, sem mais amplo preâmbulo, ao exame das conseqüências que resultam da admissão do fato de correlação entre as *convicções filosóficas* e as *formas sociais*.

Se admitimos que nossas crenças são a fonte de nossas instituições, precisamos admitir também que estas últimas devem mudar necessariamente a cada modificação trazida pelas primeiras; e, como o que temos de hábito apelar para a ordem estabelecida é fundado nas “crenças” religiosas, filosóficas e científicas, que se desabrocham em todas as partes, devemos admitir além disso que essa “ordem” deve necessariamente partilhar o destino das concepções teóricas sobre as quais elas foram edificadas, e que a época atual é, por conseqüência, acima de tudo, uma *época de transição*. O simples fato de transição implica ao mesmo tempo o abandono de nosso estado atual e a existência de algum novo estado ao qual nos conduz essa transição: não podemos então evitar de concluir que passar todas as crenças pelo cadinho do exame de análise, - o que é um dos caracteres distintivos do tempo presente, - é não somente efetuar uma *decomposição* dos elementos da sociedade, tal como ela tem existido até este dia, mas ainda preparar uma *recombinação* próxima desses elementos que chegam a alguma nova forma de convicções aceitas, que serão a “crença” e, por isso, determinarão a evolução social do futuro.

Uma transformação tão radical deve necessariamente provocar mudanças que ultrapassam os limites de nossa previdência, sua imensa importância nos obriga a fazer um sério exame do que se passa nesse momento em torno de nós, para buscar os índices capazes de nos esclarecer, pelo menos sobre a *tendência geral* do movimento do pensamento humano que se opera nesse momento.

O golpe de vista mais superficial lançado sobre o estado atual da opinião é suficiente para nos mostrar que o efeito imediato da decomposição, à qual são agora submetidas todas as velhas fórmulas do pensamento humano, se acha a princípio na rápida extensão do materialismo teórico, que nega a existência do elemento espiritual do universo, como corolário de sua negação da existência de um Criador inteligente, e conseqüentemente, como conseqüência prática dessa negação teórica, na substituição dos apetites e dos interesses pessoais aos objetos mais nobres fornecidos pelas

convicções espiritualistas. Seria fácil demonstrar que a aplicação de uma teoria tal como o materialismo teria por resultado necessário a destruição, não somente do que chamamos “a sociedade” mas da espécie humana em si mesma; é então natural que a perspectiva de deteriorização e de ruína que se apresenta assim apavore o espírito daqueles que ainda não aprenderam de modo algum a observar todos os estados como essencialmente transitórios, e a ver em *todos* os de dissolução uma simples destruição de formas perecíveis que tinham se tornado temporariamente os elementos imperecíveis, uma simples colocação em liberdade desses elementos, preliminarmente indispensável de sua recombinação em alguns novos modos de união temporária.

Mas a dissolução “de velhas idéias”, cuja preponderância do materialismo é atualmente o resultado mais líquido, parece, a quem examine atentamente o assunto, não ser uma exceção à lei consoladora da ordem providencial que faz do que chamamos “morte” a ante-sala e o precursor do que chamamos “vida”. Pois a negação materialista de um poder criador e soberano distinto da criação: alma e dever humano, responsabilidade e destino, é menos uma negação dessas intuições fundamentais do espírito humano, do que uma rejeição das concepções teóricas, arbitrárias e fantasiosas, sobre as quais são apresentadas; e a hipótese materialista deveria então ser observada como uma simples fase passageira da reação da ciência moderna contra as velhas idéias, ainda de pé, mas que devem necessariamente ser varridas antes que os elementos fundamentais da crença humana possam ser estabelecidos seguramente sobre o terreno sólido da certeza científica e racional.

Essas concepções, efetivamente, não admitindo, para as diversas ordens de seres, nenhuma origem, nenhum destino comuns, e, por conseqüência, não reconhecendo nenhuma identidade de objetivo nas evoluções da existência – mas ao contrário classificando em categorias sempre distintas, e substituindo a uma cooperação ordenada de avanço de permanentes antagonismos, - impedem descobrir a única base sobre a qual a crença no Criador e à imortalidade da alma possa se estabelecer de uma maneira racional e sólida.

O protesto materialista a esse respeito presta um imenso serviço às idéias que ele busca destruir, pois ele prepara, sem se dar conta, a via ao estabelecimento de uma teoria unitária cuja necessidade começa a se fazer sentir de forma generalizada, mesmo que vagamente; teoria que combinará todos os fatos da existência em uma grande síntese comum, fornecerá ainda a chave do problema das origens e dos fins, cujas pesquisas mais sutis não conseguiram até aqui achar a solução. Ora, é somente pela

solução desse problema que podemos chegar a crer racionalmente na existência de um Criador benéfico e regulador do universo, a aceitar racionalmente as conseqüências morais tão importantes que resulta dessa crença; é então evidente que tudo o que tende a sabotar essas concepções arbitrárias e errôneas prepara o terreno para o estabelecimento do Teísmo Científico que, somente garante certeza da eterna persistência do princípio espiritual, única base sólida da ciência física, o único guia certo à elucidação das questões sociais, é a necessidade mais urgente do dia.

Na realidade, o materialismo moderno prepara essa síntese sem se dar conta disso. Pressionado pela identidade de seus constituintes químicos e de seus fenômenos vitais, a atribuir uma origem e um destino comuns às diversas ordens de seres que povoam nosso globo, e incapaz de os unir em um terreno comum de *espiritualidade*, o materialismo experimenta uni-los num terreno comum de *materialidade*. O mundo visível é um campo de observação muito estreito para construir uma teoria que possa reconciliar os fatos da vida e o fato da morte com a crença em um Criador benevolente e regulador do mundo. Tal crença implicando forçosamente a admissão de um elemento espiritual distinto da matéria, o materialismo se esforça, a eliminar essa crença e por conseqüência negando a existência de um elemento espiritual, de unir essas duas ordens de seres e de fatos em uma fórmula comum. Como ele só vê a matéria, toma-a por base de suas especulações. Atribuindo à matéria a propriedade de força, ela é a causa do movimento; e lhe atribuindo as propriedades psíquicas, é a causa dos fenômenos imateriais.

Não podendo imaginar um começo do universo material, ele atribui à matéria a impulsão reguladora de suas evoluções, impulsão inteligente e preestabelecida, que, regendo os elementos ininteligentes e instáveis da matéria, é ao mesmo tempo o efeito e a prova de uma direção superior para esses elementos.

Confundindo assim o efeito e a causa, o materialismo chega a dotar a matéria de vida própria que é a característica distintiva do Criador.

Negando – ou atribuindo a pretensas “propriedades da matéria” – todos os fatos que indicam a concorrência da *alma*, da *força* e da *matéria* nos fenômenos da existência, e a ação de uma inteligência absoluta na coordenação desses três elementos constituintes do universo, o materialista chega a uma base de raciocínio que parece ser unitário, mas que não é unitário senão na aparência; e ele constrói sobre essa base incompleta e ilusória uma teoria da existência que, tanto que experimenta para chegar à formação da síntese unitária que será o archote do futuro, constitui um progresso sobre os

antagonismos teóricos do passado, mas que na realidade é tão incompleta e tão vazia quanto as diversas concepções sem fundamento que ela substitui.

Mas do mesmo modo que o sol, malgrado os vapores terrestres que deformam seu esplendor, continua a cumprir sua função benéfica como regulador e alimentador do sistema dos mundos que giram em torno dele, do mesmo modo a soberania divina, deixada indene pela negação dos homens, fornece o remédio apropriado à aberração materialista, dando aos espíritos dos pretensos “mortos” o poder de nos provar de uma maneira irrecusável sua existência continuada além do túmulo. Justamente no momento em que eclodem as descobertas físicas dos últimos anos ao cego sobre a existência de um princípio espiritual, esta soberania fornece ao mundo as provas visíveis e tangíveis da realidade e da universalidade desse princípio, que fundamentará nossas convicções a propósito do elemento espiritual de nossa natureza complexa sobre a mesma base científica e positiva que serve de apoio às nossas convicções nos fatos de nossa existência física. A autenticidade dessas provas, confirmada em nossos dias por milhões de observadores espalhados sobre toda a terra, é absolutamente correta para todos os que observaram por si mesmos; e como o círculo destes aumenta com uma rapidez sem igual nos anais do mundo intelectual, é evidente, desde o presente, que essa ordem de fatos está destinada a se tornar, num futuro próximo, a única base prática, imbatível, prolífica, da doutrina que reconhecia a presença de um outro elemento além da matéria nos fenômenos da existência.

Evidentemente, é impossível atribuir muita importância à influência que uma comunicação inteligente, entre a terra que habitamos e o mundo dos espíritos, deve exercer sobre a nova fase de convicção para a qual nós tendemos, malgrado as circunstâncias que, à primeira vista, parecem diminuir o valor dos resultados que se pode esperar obter dessa comunicação.

As duas regiões de existência que oferece nosso planeta sendo duas partes integrantes de um mesmo todo, precisamos admitir que todas as duas são submetidas à mesma lei de progresso lento e gradual. Devemos então ter paciência para encontrar, como é evidente para os que seguiram o movimento espírita, que a ignorância dos princípios gerais, a persistência dos preconceitos e do erro, e os raciocínios baseados nas impressões, as suposições e as especulações pessoais, são também numerosas do outro lado do túmulo quanto deste. O semelhante atrai o semelhante, é evidente que cada médium só atrairá espíritos de mesmo grau de adiantamento que ele mesmo, e que as dificuldades inerentes à arte da manifestação, do lado dos espíritos, devem

necessariamente impedir, no presente e talvez por longo tempo ainda, a livre e correta transmissão do pensamento das regiões superiores do mundo dos espíritos. Mas, é igualmente evidente que, malgrado esses obstáculos, - que são devidos à inferioridade geral de nosso planeta, e do que não se poderá se desfazer senão pelo progresso gradual das duas classes de sua população, isto é, das almas *encarnadas* e das almas *desencarnadas*, - a comunicação estabelecida agora de todas as partes da superfície da terra e o mundo dos espíritos deve todavia exercer uma influência determinante sobre seu desenvolvimento futuro.

Em primeiro lugar, essa comunicação provará a sobrevivência da alma inteira com sua atividade e suas afeições após a morte do corpo, sobrevivência à qual a maioria da humanidade não acrescenta nenhuma crença real, e que não tem, por consequência, nenhuma influência sobre suas ações. É verdade que essa sobrevivência não é suficiente para provar a indestrutibilidade da alma, pois o prolongamento de sua existência através de algumas centenas, alguns milhares ou mesmo alguns milhões de anos, não é de forma alguma uma prova certa que ela se prolongará através da eternidade; o que não pode ser provado de uma maneira incontestável senão por uma teoria unitária da existência. Entretanto, se a comunicação inteligente entre os homens e os espíritos não devia ter outro resultado senão o de mostrar que a alma não morre com o corpo, e que não há por consequência nenhuma possibilidade inerente à idéia que a alma está destinada a durar eternamente, o fato dessa comunicação entre os dois mundos seria ainda incomparavelmente mais interessante em si mesma, e mais importante em sua influência sobre as crenças e a evolução futuras da humanidade, que todas as descobertas puramente físicas que são a glória da ciência positiva de hoje.

Mas a comunicação em questão é, evidentemente, destinada a levar a um resultado muito mais importante que o simples estabelecimento da presunção, em favor de nossa existência eterna, que pode se deduzir da sobrevivência da alma durante um período mais ou menos longo após a morte do corpo. Embora seja evidente que a maior parte das comunicações mediúnicas devem ser somente um reflexo das ideias presentes dos espíritos que estão mais perto da região habitada pelos homens, e os médiuns para os quais eles são simpaticamente atraídos, todavia, é igualmente evidente que, pela generalização da mediunidade, os grandes espíritos – que se destacaram em sua carreira terrestre e dirigem a transformação das ideias que se efetua atualmente em nosso mundo – do mesmo modo escolherão os médiuns mais aptos a lhes servir de instrumentos para a transmissão das ideias que eles podem ter para nos sugerir. Dessa

maneira, essas inteligências de elite nos ajudarão a concluir a explicação geral do plano criador que – devendo necessariamente abranger as relações do presente com o passado e o futuro, e as de nossa terra e suas raças com os outros globos e os outros seres do universo – não pode jamais ser elaborado pelos únicos esforços de observação e de indução humanas; pois é evidente que não poderemos chegar a essa explicação, senão com a ajuda daqueles a quem seu adiantamento superior permite tomar, sobre os arranjos providenciais, uma visão mais ampla do que a que se pode fazer da terra. Essa explicação, elucidada e confirmada pelas descobertas progressivas da ciência, nos esclarecerá sobre *a natureza e as condições da existência da alma*, e nos dará assim ao mesmo tempo *a razão e a certeza* da duração eterna de cada alma individualizada, como objetivo e resultado desses arranjos.

A suposição de um ensino parecido, nos mostrando seres colocados de um ponto de vista mais elevado que o de nossa vida presente, como consequência que faz naturalmente prever a comunicação estabelecida agora entre os espíritos e os homens, pressupõe necessariamente a impossibilidade para nós de conhecer antecipadamente, em sua totalidade, as ideias que nos serão gradualmente comunicadas por esse ensino. Mas é evidente que, no objetivo de nos mostrar o vestígio da teoria unitária pesquisada agora, mais ou menos conscientemente, pelos pensadores avançados, esse ensino superior deve fazer três coisas:

1. Deve provar a origem, a lei de desenvolvimento e o destino comuns de todas as criaturas do universo, desde a mais inferior até a mais elevada, mostrando que todas as formas de sofrimento e de esforço, de vida e de morte, resultam dessa comunidade de origem e de destino, e têm lugar em virtude de um plano unitário e de uma intenção que ligam juntos, em uma corrente sem fim de progresso, todos os reinos, modos e regiões da criação.

2. Deve demonstrar a sabedoria, a justiça e o benefício do governo divino, nos mostrando: (a) que as diversas ordens de seres constituem os anéis sucessivos de uma única e mesma corrente; (b) que suas diferenças corporais e suas desigualdades intelectuais marcam os graus sucessivos da mesma escala geral de desenvolvimento, de etapas sucessivas da rota comum em direção ao objetivo comum; (c) que eles não nos parecem ser heterogêneos senão porque nós os vemos todos ao mesmo tempo e de fora da sequência natural de sua produção, e que somos por consequência incapazes de perceber a filiação regular segundo a qual nós veríamos que eles foram produzidos, se nós pudéssemos numa rápida olhada abarcar a origem, a carreira e o fim de nosso

planeta, e as relações de suas raças com os outros mundos e os outros seres do universo. Pois uma teoria unitária da existência deve necessariamente nos mostrar que o universo é uma unidade; - que a criação não é *local* mas *geral*, não é um ato, mas um *processo* cujo único objetivo é desenvolver e educar a alma pela ação a que ela é conduzida a exercer sobre os elementos da matéria, segundo o plano da criação; - que a alma é o princípio formador de todas as aglomerações temporárias desses elementos que nós chamamos “corpo”, e que todos os “corpos” naturais, do mais simples ao mais complexo, do mais inferior ao mais elevado, não são senão resultados temporários da ação passada ou presente da alma sobre os elementos materiais, aos diversos estados de desenvolvimento pelos quais ela passa; - por consequência, que não existe universo fixo e estável, mas somente uma sucessão de fenômenos temporários, constituídos atualmente pela ação da alma, e que a duração de uma nebulosa com seus miríades de sóis e de planetas é também variável e passageira, considerada em sua relação com a eternidade, que essa efeméride que vive e morre em um só dia. Essa teoria unitária deve enfim nos mostrar que todas as ciências positivas, química, geologia, astronomia, eletricidade, mineralogia, botânica, fisiologia, história natural, etc., são tudo simplesmente o resumo de modos diversos da ação da alma, nas direções especiais das quais elas tratam separadamente.

3. Deve explicar que a mistura de verdade e de mentiras das diversas “crenças” do passado foi o resultado das imperfeições das fases do desenvolvimento humano nas quais elas foram geradas; e deve tomar lugar dessas “crenças” não as destruindo, mas realizando suas aspirações do trabalho da raiz, do caule e da flor que têm sua realização na fruta.

Vamos dar uma rápida olhada sobre as consequências que se podem deduzir da ideia da síntese unitária em direção a qual, assim como vimos, tende o movimento intelectual de nossos dias, primeiro quanto à *crença* e depois quanto às *formas sociais* do futuro.

1. A ideia de uma teoria unitária da existência pressupõe necessariamente o fato de um plano unitário na produção e na conservação do universo, e implica assim a eterna continuidade da ação criadora pela qual nós, e todas as ordens de criaturas, fomos chamadas para a vida, e a eterna continuidade dessa lei de desenvolvimento comum que nos regem assim como a eles:

2. A continuidade da ação criadora implica que jamais houve, na eternidade do passado, um período em que as criaturas de uma criação anterior não já tivesse atingido

a “perfeição” relativa, na ciência, no amor e na potência, que é o objetivo supremo da criação e a fonte da felicidade de todas as criaturas:

3. Essa “perfeição” relativa atingida pelos espíritos de criações anteriores implica o emprego desses espíritos relativamente “perfeitos” nos campos de atividade cósmica proporcionais, em grandeza e importância, ao grau de seu adiantamento científico e moral:

4. O fato de que as criaturas de criações anteriores tenham atingido esses campos elevados de atividade (“os Tronos, os Principados, as Potestades” a quem, como a ministros de suas vontades, o Criador confiou a administração prática do universo), implica essa outra consequência que nós e as outras criaturas da criação atual, à qual nossa terra e seus habitantes pertencem, chegarão ao grau de superioridade ao qual já chegaram as criaturas de criações anteriores, e, que após nós, aí chegarão igualmente as criaturas de criações inumeráveis do porvir que devem se suceder através da eternidade:

5. O acesso do mesmo grau de perfeição, por todas as criaturas do universo, implica que todas essas criaturas passaram pelos mesmos graus sucessivos de desenvolvimento, e confirma assim a mais antiga noção religiosa de nosso globo, tal como ela se achava nos mais antigos de seus “livros sagrados”, que declaram expressamente *que “pessoas, feras, pedras, vegetais são um; o que eles são, um homem já foi (ver as Tríades Druídicas; a Bhâgavata-Gita, etc.): declaração que significa que o que é um homem, esses seres o serão:*

6. E essa comunidade de origem, de adiantamento e de destino, implica a seu turno as duas grandes doutrinas consignadas, com mais ou menos claridade, em todas as “Bíblias” do mundo e nos escritos dos maiores pensadores, desde os tempos mais recuados até nossos dias. Essas doutrinas são: (a) a preexistência da alma ao corpo que ela anima, e (b) a progressão gradual da alma em ciência, virtude, poder e felicidade, pelo efeito mesmo de encarnações sucessivas no mesmo planeta ou em planetas mais ou menos elevados, até que ela tenha atingido um grau de desenvolvimento espiritual, moral e corporal, que a eleve acima da necessidade de se unir posteriormente a alguma matéria planetária que seja, e o inicie aos modos de existência mais nobres que nos fazem entrever, mesmos obscuramente, todas essas Bíblias, “como a existência gloriosa que todos nós devemos alcançar, mas da qual somos absolutamente incapazes de formar a menor concepção, em nosso estado presente de inferioridade.

Nenhuma teoria poderia se dizer unitária, se ela não atendesse às condições expostas

aqui; ela não poderia, por consequência, satisfazer à necessidade intelectual de nosso tempo: pois, nenhuma outra poderia explicar as afinidades e a construtividade no reino mineral; a vitalidade, a digestão, a circulação, o sono e a vigília, as atividades, as preferências, os esforços, as doenças e a morte, no reino vegetal; a inteligência, as paixões e os sofrimentos, no reino animal; as condições desiguais, as aflições, as aspirações, a progressividade, na raça humana; e a persistência, nos reinos superiores, de caracteres especiais dos reinos inferiores. Sem essa explicação coerente e sintética, é impossível demonstrar a existência de um todo-poderoso e benéfico Autor, Regulador e Governador do universo, - de demonstrar a existência de uma unidade, de natureza e de destino, entre os seres dos diversos reinos de nosso planeta ou entre estes e os outros seres do universo, - de justificar a concepção da fraternidade da raça humana, - ou de conceber a sublime síntese de todas as possibilidades de atividade humana, tais como o Cristo as reuniu na prece profética, que a “vontade” do Criador seja feita na terra como é feita nos mundos mais avançados, em que os habitantes aprenderam a pôr em prática a lição de obediência voluntária, *às leis impostas pela potência criadora*, que nós estamos atualmente aprendendo na disciplina de nossa vida terrestre. Todas essas concepções, se não forem assentadas sobre a base sólida de uma teoria unitária da existência, não podem ser observadas senão como simples ficções da imaginação, sem fundamento real.

Evidentemente, é também impossível prever os detalhes das instituições sociais que nascerão na fase de “crença unitária” para a qual tendemos, como prever todas as ideias que serão compreendidas nessa “crença”. Pode-se, entretanto, afirmar, com certeza, que essas instituições procederão das experiências e das aspirações de nosso passado, dos quais elas serão o complemento e o coroamento, e que, no entanto, elas diferenciarão das do passado tanto quanto nossas convicções a vir diferenciarão de nossas “crenças” atuais. As instituições do passado procediam de uma teoria de diversidades e de antagonismos que se supunha erradamente inerentes à natureza das coisas, e atribuíam uma importância exagerada às condições presentes de uma vida terrestre que se supunha ser para cada um a única vida; também essas instituições personificaram o egoísmo individual e social implicado nessas suposições. Mas as instituições do porvir procederão de uma teoria da existência que nos mostrará todas as criaturas do universo passando sucessivamente pelas mesmas etapas, tendo partido de um mesmo ponto, seguindo uma única e mesma via, e devendo atingir um único e mesmo destino; esplêndida síntese na qual as diversidades aparentes e temporárias tendem todas para um fim comum, e na qual os interesses de cada um são inseparáveis

dos de todos: também essas instituições são a aplicação prática dessa convicção que, não somente a benevolência ativa é realmente o único “cumprimento da lei” da criação, mas ainda, que *nós não podemos assegurar nossos interesses próprios, e nossa felicidade individual, senão substituindo aos arranjos divergentes e antagônicos que fazem de TODOS os rivais e os inimigos de CADA UM, os arranjos convergentes de cooperadores que assegurarão a CADA UM a ajuda e o concurso de TODOS.*

Pode-se então predizer, com toda certeza, que o *individualismo* e o antagonismo, que caracterizou a organização social do passado, serão seguidos da aplicação do *princípio de cooperação*, como característica da organização social do porvir. Ninguém atualmente gostaria de constatar a potência que se pode obter pela união das vontades e dos esforços na realização de um dado objetivo; e é lamentável se alguns duvidam ainda da grandeza prodigiosa dos resultados econômicos que se obteriam, no duplo ponto de vista da *produção* e da *distribuição* de todos os elementos do bem-estar humano, aplicando, a todos os interesses e a todas as ocupações da vida, o princípio de cooperação e de ajuda mútua. Se o espaço o permitisse, seria fácil mostrar que, do mesmo modo que todos os males de ordem moral resultam da substituição do egoísmo ao sentimento da justiça e da caridade, do mesmo modo que todos os males de nossa ordem social resultam da substituição do individualismo e do antagonismo à cooperação e à ajuda mútua; daí segue que esses males não podem ser tratados com sucesso senão substituindo o *individualismo* pela *cooperação*.

A ignorância, a injustiça, a miséria, a brutalidade, a pobreza, a prostituição, o proletariado, a guerra, os vícios, as doenças, devem fatalmente produzir seus efeitos naturais; e se devemos nos felicitar por esforços filantrópicos de toda sorte que nossos dias experimentam *melhorar* o que é *radicalmente mau*, é sobretudo porque essas tentativas nos conduzirão necessariamente, com o tempo, a reconhecer que é impossível diminuir os males de nosso estado social, de outra forma nos entregando causas às quais são devidos. E para quem quer que seja refletirá sem paixão à natureza desses males e nas condições requeridas para os destruir, é claro que um resultado semelhante não poderá ser atingido senão adotando um gênero de vida capaz de assegurar a cada membro da família humana o pleno e inteiro desenvolvimento da sua natureza física, intelectual, artística e moral, ao mesmo tempo que assegurará a cada uma esfera de atividade, apropriada a suas faculdades individuais, na qual ele contribuirá para o bem e ao interesse geral, ao mesmo tempo que se beneficiará de tudo o que criou a indústria, a arte, a ciência e o gênio dos outros membros da grande família

humana.

Praticai, minha simples doutrina de fraternidade e de caridade, “disse o grande Mestre há mil e oitocentos anos, “*e todo o resto vos será dado por acréscimo; em outros termos, enquanto a busca exclusiva de seu próprio interesse, da parte de cada indivíduo, é necessariamente fatal a esse interesse mesmo*, a aplicação dos princípios de fraternidade e de ajuda mútua que o século XIX designada nitidamente pela única palavra de *cooperação*, dará a todos o conforto, a saúde, a ciência, a elegância, a segurança.

A aplicação à vida social de princípios que são universalmente aceitos em teoria, mas universalmente rejeitados na prática, não pode se fazer senão gradualmente, por tentativas repetidas, e com a ajuda da resultante dos insucessos parciais e temporários. Mas, mesmo que tal transformação da sociedade deva necessariamente ser laboriosa e lenta, nenhum dos que crêem na supremacia do bem sobre o mal, nenhum dos que vêem os primeiros clarões da aurora através da obscuridade do presente, pode duvidar que essa transformação se faça, e no caminho indicado pelo próprio Cristo, isto é, pela *aplicação do princípio da mutualidade a cada circunstância da vida humana*; mas, é evidente que tal aplicação da lei de fraternidade e de caridade não se tornará possível senão à medida que, *e somente à medida*, que o fato da comunicação inteligente entre as almas encarnadas e as do mundo dos espíritos tiver produzido seus frutos naturais, alargando o horizonte intelectual da humanidade e definindo a verdadeira natureza e o verdadeiro objetivo da existência terrestre. Pois, os males de nosso estado social sendo devidos, como já vimos, às concepções limitadas da vida e do destino humanos que têm prevalecido até aqui no mundo, a persistência dessas concepções eternizaria as condições incorretas que são o resultado material e efetivo. Pode-se então afirmar que tal transformação das condições sociais não pode ser realizada senão pela modificação das ideias, dos motivos de dos objetivos humanos, que será cedo ou tarde o resultado necessário dessa comunicação.

A possibilidade de semelhante substituição do antagonismo pela cooperação sendo uma vez admitida, que poderia assinalar um limite ao melhoramento da existência humana que seguiria uma transformação também radical de suas condições sociais?

Sendo más as condições de nossa terra, atraem a elas as almas pouco elevadas cuja inferioridade corresponde como consequência natural das condições más do meio onde elas se encarnam e que elas contribuem a seu turno a perpetuar. Ao contrário, o melhoramento das condições sociais na terra atrairá almas mais avançadas, já aptas a

aproveitar suas melhores condições, e pelas quais esse melhoramento de condições será alcançado ainda mais longe; até que nossa terra, pelo melhoramento resultante do esforço das gerações sucessivas, se torne a morada da honestidade; da fraternidade e da paz, anunciada pelo Cristo em termos breves mas cheios de promessas.

Qual imaginação de pintor ou de poeta poderia dizer o esplendor, a beleza, a felicidade da vida terrestre em tais condições, purificada e enobrecida como o seria pela convicção, devida a nossas relações como os espíritos de uma ordem mais avançada, que a vida terrestre, mesmo em condições tão melhoradas, não é ainda senão os degraus, o pórtico, conduzindo a uma existência superior, e que seus mais requintados refinamentos só têm valor para nos ensinar a atingir os modos de existência etérea que nos são reservados além da região dos mundos planetários? Com efeito, como já temos dito, tal transformação das condições sociais de nossa terra não pode se efetuar senão por uma transformação de nossas “crenças” científicas, filosóficas e religiosas, que nos leve a conceber de outra maneira a vida humana. Essa nova concepção reduzirá, de uma parte, a ideia que nós nos fazemos da *importância intrínseca* de uma vida terrestre, mostrando-nos que ela não é *senão um passo* na rota sem fim que devemos percorrer, ao passo que, de outra parte, ela crescerá indefinidamente a ideia que nos fazemos de sua importância relativa, mostrando-nos que *o emprego feito por nós, de cada fase de nossa existência, decide o caráter da fase seguinte* de nossa eterna carreira.